

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 20 de Janeiro-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi vendido pela Comissao de Censura

22

6-Avenida
Ex.º Sr.
de Alvarenga
Brito Capelo, 852
MA



sempre
five
semanario
humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

«CARMEN» TABAQUEIRA

1.º acto: A acção passa-se já depois das acções passadas)



Carmen (Pais Borges): — O meu amor por ti é mais ardente do que a brasa dum charuto La Casa - Total!
D. José (Alfredo da Silva): — É's uma cigareira de truz, e teu olhar brilha tanto como a luz duma vela «Navio», mas vai para a fábrica, que são horas. All o Escamillo parece que já está «escamado».



Os ditos da semana



A mortandade dos inocentes

A Companhia dos Telefones é duma crueldade sem limites. Matou os idílios telefônicos, com as chamadas a cinco toques, e vai matar os comerciantes da rua do Carmo sem ninguém dar por isso. Mata-os e enterra-os mesmo ali á porta do estabelecimento, para o que já mandou abrir as competentes sepulturas. 7 palmos e meio de fundo que não de ser cobertos com enormes binoculos de barro, para as victimas poderem ver as estrelas e os freguezes que sobrevierem ás fúrias destruidoras da Companhia.

Já está tudo preparado. Estão abertas as covas e os binoculos a postos.

Dos passeios, porque os mortos não de ser muitos, escapou apenas uma fachasinha da largura das portas para o saimento fúnebre.

A Companhia guarda segredo de tudo isto, mas o *Sempre Fixe* faz ao publico a sensacional revelação: A Companhia vai matar os subscritores. Só uma coisa não sabe ao certo o *Sempre Fixe*: o genero de morte a adotar. Julgamos todavia não andar longe da verdade afirmando que a Companhia tenciona matar os assinantes de aborrecimento, por não serem atendidas as chamadas, ou por as meninas escutarem as conversas que se fazem pelos fios.

Para qualquer dos casos pedimos providencias á policia.

A semana dos artistas

Um actor substituiu graciosamente o popular «João Franco»;

—V. Ex.^a vai tomar?



Primeiro galuno: — Tens a certeza de não ter deixado nada lá?
Segundo galuno: — Não sei. A minha velha vendeu isso nos jornais.

O freguez fazendo pirraça:
—O costume.

Os senhores estão vendo a atrapalhação do actor que ignora os costumes do freguez.

Outro freguez na altura do actor se preparar para receber a importancia da despezza.

—Junte lá na minha conta.

E o actor, amavel, fica preplexo entre insistir ou dar credito ao credito do freguez.

Um alfaiate aderente á Semana dos Artistas mostra especial empenho em que o actor X venda no seu estabelecimento:

—Mandem-me cá o X, mandem-me cá!

Comunicado o desejo a X surge um protesto e um salto:

—Eu! Não vou, não vou cá por coisas!

Informado da recusa, pede o alfaiate que lhe seja esta comunicada pessoalmente por alguém da redação, o Z, por exemplo.

Outro protesto e outro salto do Z que alega não ir, tambem lá por coisas.

O actor e o jornalista tinham ambos vestido do tal alfaiate, mas não tinham tornado a passar por lá...

Aconteceu que muitas preferencias de comerciantes, na escolha das suas caixeiros, foram para actrizes que ha muito lhes desdenhavam os madrigais.

—Mandem-me a Y. Ha tanto tempo me manda bugiar,

que sinto *ganhas* de a mandar como patrão, um dia pelo menos, ali ao balcão como uma catita.

Dizia outro:

—Ha tantos anos estou aqui a ganhar para ela, que não é demais vir ela ganhar, um dia, para mim.

A gentil actriz Filomena Lima foi tão reclamada como caixeira de uma loja de lindas meias, que até já lhe chamam a Filomeia Linda.



O parto das solteiras

Dispoz-se que só as professoras casadas tenham assistencia e descanso durante o parto.

As mulheres solteiras, segundo o criterio legal, não tem dores.

Quem não for casada que arremente.

E' um principio moralizador, para afastar o vicio e a perdição.

A igreja tem ás vezes, quando interpretada a sua doutrina por certos sacerdotes puritanos, teoria semelhante, negando batismo e sepultura áqueles que não cumprem as suas leis.

Só os filhos das amas estão exceptuados, porque esses, eles lá os fazem e lá os ba'isam.

A lei civil imita a lei da igreja.

Um valentão



O anão—Você só bate em crianças pequenas. Porque não me bate em mim?



—Eu precisava de uma coisa qualquer para fazer uma partida engraçada á minha sogra. Não terá por aí nada?

—Tenho muita pena de o não poder servir, mas dinamite não tenho...

BOM HUMOR

Ela:—Estou aborrecida, doutor! Há três dias que meu filho não come.

O doutor:—O menino tem fastio?

Joanito:—Assim... assim... estou a guardar a minha fome para os bombons que a mamã me prometeu...

* * *

Entre garotos:

—Tu agora fumas cachimbo?

—Sim! Jurei á mamã não fumar cigarros...

* * *

O juiz:—E' acusado de ter roubado uma dúzia de cachecoles? Tem alguma coisa a dizer em sua defesa?

O réu:—Sim, senhor juiz! Estava constipado...

* * *

Ela:—Apartei varios chapéus.

Ele:—Qual escolheste?

Ela:—Gosto muito deste azul, mas, se preferes o vermelho, fico com os dois...

* * *

A esposa:—Tenho que sair para provar um vestido.

O marido, de cama:—Maria, tu pensas em vestidos, apesar de eu estar doente?

A esposa:—Não faz mal! Como é negro, serve para tudo...

* * *

—Henrique disse-me que sou a oitava maravilha do mundo.

—E tu o que lhe disseste?

—Que tivesse cuidado se um dia o surpreendo com as outras sete...

* * *

—Disseram-me que o Gustavo já tem trabalho?

—Sim, ha uma semana!

—E o que faz ele?

—Descansa...

* * *

Entre amigas:

—Para ter saúde, durmo sempre de janelas abertas. E tu?

—Eu, basta-me a boca...

* * *

Ela:—Minha mulher tem um ataque de nervos. Chamem já um medico...

Ela:—Não! Não! Chamem antes o joalheiro. Quero o colar de pérolas que me prometeste...

* * *

O avô:—Porque não brincas com o comboio que te doi?

O neto:—Não posso! O papá ha três dias que o não larga...

* * *

O futuro sogro:—Sabe que minha filha só está acostumada ao melhor...

O genro, que não é vaidoso:—Já sei! Já sei! Basta olhar para o marido que escolheu...

Metendo conversa



—Eu cá suo muito dos pés. E o senhor?

UM DITO A TEMPO

Na boa sociedade, naquela que dança o *foz-trot* e ama perdidamente o *charleston*, ha sempre uma pessoa querida, cavalheiro em geral, que diverte a assistencia ou com os seus galanteios adocicados, ou com os seus versos de pé quebrado. Todos riem, as pequenas acham-no muito simpatico, as velhotas muito delicado e até os homens o ouvem com agrado quando ele disserta sobre o momento politico. E' fatal, em todas as salas burguesas, um cavalheiro destes.

Pedro Gustavo se chama o nosso heroi, nas festas de D. Joana Pires, sexagenaria bem conservada, casada com um escrivão de direito, aposentado. Estamos no dia de anos do dono da casa e a concorrencia ao bailarico, desta vez, é mais avultada. Võem-se *smokings* ainda cheirosos da naftalina com que eram preservados da traça, numa casa de penhores da rua Moraes Soares, uma ou outra sobrecasaca trazida por antigos amanuenses da Relação e algumas fardas de sargentos de marinha, que ali davam o fausto patriótico. D. Joana senta-se num sofá, com ar impoente, abarando-se com um leque de plumas que, com o movimento, se vão desfiando. O escrivão seu marido conversa a um canto da sala e discute a ultima tabela do imposto do sêlo. Quasi todo o elemento masculino concorda, menos o continuo do gabinete do ministro das Finanças, que, como todos os continuos dos gabinetes ministeriais, se julga o proprio ministro...

Junto a uma janela que dá para um bôco onde passeiam galinhas e patos, forma-se um grupo de madamas muito conservadoras, de cabelos de fãrtas tranças enroladas á guisa de «sogra» das varinas. Todas se derretom para o insinuante Pedro Gustavo, que vai impingindo historietas para rir e novelas de amor em que é protagonista.

As damas apreciam estes *vapores finos*, capazes de lhes dar o assepto nos carros electricos e de lhes acompanhar os meninos ao collegio!

—Se V. Ex.^{as}, como vejo, não estão enfadadas com as minhas palavras, vou ensinar uma receita que deve dar bom resultado para a cura das «ardas» e «bexigas», que tanto prejudicam o lindo rôsto da excellentissima filha de V. Ex.^{as}, sr.^a D. Antonia.—(Esta menina tinha a cara como um mapa da Europa depois da Grande Guerra).—Nada mais simples—continuou—em cada sarda ou bexiga eu deposito um beijo e, terminada que seja a operação, todas as manchas teem desaparecido.

A D. Antonia, que tinha ouvido com atenção, esboçou um sorriso e prontamente acrescentou:

—Mas... sr. Pedro Gustavo, eu conheço um remedio, mas é para o hamorroidal...

Pela primeira vez, em casa de D. Joana Pires, se tinha dito uma coisa acertada!

N. de B.

A historia dos cicerones



—Esta é a torre de Belem, daqui partem para o Brasil todos os aviões. E' toda construida com blocos de cimento armado e foi mandada fazer pelo Marquez de Pombal ha perto de 2000 anos.

RECEITAS UTEIS

Linguado «au gratin»

Polvilha-se uma lingua com pós doirados de *Madame X* e junta-se-lhe algumas folhas, perfumadas com Houbigan, de *Eles e Elas*.

Agarra-se em seguida noutra lingua e, depois de bem *dorée* a fogo brando, junta-se á primeira.

Colocam-se em terrina *argentée* e serve-se com linguado.

N. da R.—Esta receita vem indicada num pergaminho do século XV, como um prato predilecto para «Ceia de Cardenas»...

Sopa de rabo... de «boy»

Encomendam-se na padaria mais proxima alguns *papos-sêcos* bem frescos, passam-se pelas brazas na *Parreirinha*, deitam-se numa vasilha e temperam-se com molho de cavalo marinho.

Junta-se uns pausinhos de marmeleiro para lhes dar gosto e serve-se quente.

Este prato dá graça sendo bem servido... mas não aconselhado pelo dr. João Eloy, por indigesto.

Arroz fingido... á paineleiro

Chama-se um policia para fazer a colheita de alguns *paineleiros* conhecidos.

Depois de bem lavados nos *Ecos de Sintra* com Leal...dado e de se ralar o mais possivel a fressura ao sr. José de Figueiredo, pede-se ao José Bragança que continue calado e enquanto se arranca a *Pêla* ao *Marquez*.

Tomam-se depois os *paineleiros* todos e metem-se numa panela, tendo o cuidado de os tapar com um desenho do Alfredo Candido.

O arroz virá por si... abaixo até Rilhasfoles.

Tomates á portuguesa

Colhem-se alguns jogadores, entre eles, Cipriano, Alves, Silva, Waldemar, Vitor e Santos e lavam-se bem lavadinhos.

Quando se verificar que estão purinhos de pecado, põem-se em descanso, durante alguns dias, ao sol do Estoril.

Depois de darem mostras do seu valor, mistura-se-lhes um pouco de molho á espanhola e serve-se em travessa *futebolística* no Campo Grande, com o acompanhamento de apoteose publica.

N. da R.—Só depois de comido este cosinhado é que se pode beber *Porto*, *Champagne*, licores ou qualquer outra bebida de regosijo. Garante-se que este piteu, para o povo português, é delicioso.

Desinteresse...



O empregado do Banco (ao empregado na bilheteira dum teatro:—Homem, porque não me ofereco você uns bilhetes do seu estabelecimento?

O empregado do teatro:—Pois não, mas você ha de oferecer-me tambem uns bilhetes do seu.



Banhos de agua doce

Em Sarilhos appareceu, ha tempos, no consultorio dum medico muito conceituado, a mulher dum ferroviario, a consultar o sr. doutor acerca da estranha doenca dum seu filho, menino amarelento de 10 anos.

O abalizado clinico, depois de ver o doente em todos os sentidos, coçou com um gesto habitual a vasta superficie calva da cabeça e, apoiando com a mão direita o queixo, numa attitude reflectiva, fez um diagnostico simples, conciso e rapido.

—Eu não acho coisa alguma no doente, mas, pelo que me diz, é um hipocondriaco!

A desventurada mãe da criança ficou aterrada ao ouvir o extraordinario nome da doenca, tão extraordinario como a doenca decerto, pois que ceperava o diagnostico profetizado por toda a gente: espinhela caída ou hipo-solitaria. Já era azar!

E immediatamente perguntou ao doutor o remedio que devia dar ao filho para curar a maldita doenca, ao que o medico respondeu:

—Dá-lhe simplesmente dois banhos no dia. Um de manhã e outro á noite. E daqui a oito dias passe por cá outra vez.

—Mas banhos do mar no inverno, sr. doutor? A criança é tão fraquinha!

—O' mulher, quando eu disse banhos, referia-me a banhos de agua doce!

Passaram-se oito dias. A mulher voltou com o menino, mais lavado do que no anterior dia, o que lhe dava um aspecto mais saudavel.

—Então o pequeno está melhor?— perguntou o medico.

—Está sim, sr. doutor, mas o meu marido está desempregado e eu não posso continuar a fazer o tratamento ao meu menino...

—Não pode, porquê? Se você tem a fonte no pé da porta...

—Mas, ó sr. doutor, a minha terra é muito grande; nos primeiros dias ainda lhe dei os banhos com um quilo de assucar cada um, mas, como a agua não ficasse bastante doce, passei a pôr-lhe dois quilos, o que faz quatro quilos de assucar por dia... E eu não posso aguentar com a despesa...

Sortes grandes?

só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



—Que fazia você escondido no bosque ha três dias sem comer?
—Ando a fazer um tratamento para emagrecer...

O amigo dos Olivais ou a inteligencia dos animais Cine-Fixe

Matinée das quintas-feiras

O film d'hoje é no mar, com episodios em terra. O Zé povo vê fundear os cruzadores da Inglaterra.

Muito embora não se amaine a névoa, já se distingue os perfumes do Port-wine e os sons do Save the King.

Vê-se um ponto luminoso n'arteria da Liberdade que ao Zé Povinho curioso dá foros de novidade.

(A segunda parte segue na outra sessão)

Dando a volta a um realejo, a cor rubra é p'ra parar. Sendo a verde, ha o ensejo de ver tudo a circular.

Verde ou rubra! Ora Deus queira, co'a cor assim alternada, que a tropa sinaleira faça uma obra acciada.

(Segue um film comico)

Este film é só do bruxos ou por obra de chalaça... Os velinhos dos Capuchos a embarcar p'r'Alcobaça!

Das arv'eres ornamentais, a rama foi pela rama. Té d'Avenida os paraísos lhes derubaram a casa!

FIM DE SESSAO

John.

DIZ-SE

que as iniciais T. N. A. G. que se veem no teatro Nacional significam: Teatro Nacional Alves da Cunha...

—que um pretencioso a jornalista, ao fazer uma noticia sobre uma desordem numa taberna lhe pôs o seguinte titulo: «Desordem á beira de um copo de vinho»...

—que, lá no outro mundo, anda Petronio irritado por o Maia lhe haber furtado o lugar...

—que o Alvos Ce'ho não se zanga com as pindas nem afina...

—que se pensa em organizar o «Dia da Glorificação do Decanso», que vai dar um certo... trabalho a organizar...

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

As melhores janias no domicilio

são os da PENINHA

67, Rue Pascoal de Melo, 60

Telefona Norte 5582 (4 Estolania)



—Mordeu?
—Só mordeu uma fregueza mar-grissima. Julgou que era um osso...

João C. Borges, rico proprietario residindo ha largos anos nos Olivais, na quinta das Amoreiras, era o prototipo do medroso.

O ter que percorrer sózinho e de noite a distancia que separava o portão da quinta do nucleo de casas que formam a povoação era considerada por ele uma das mais dificeis e arrojadas façanhas da sua vida.

Para essa temeraria empresa, armava-se com duas pistolas, uma faca de matar, um box para a mão esquerda e um para a mão direita, um apito que segurava entre os dentes e um outro que adaptara, por meio de uma pinça, ao nariz e que, extremamente sensível, funcionava pela corrente d'ar saída pelas fossas nasais; enfim, um stock de material guerreiro sufficiente para armar qualquer grupo civil em tarde de revolução amena.

Um dia, quando contava com as mais negras côres a odisseia dos seus regressos nocturnos ao seu amigo Filipe C. d'Ourique, acabou por declarar-lhe que não sairia mais de casa, pois tinha maduramente pensado que o armamento que possuia para nada lhe serviria desde que fosse apanhado de surpresa.

—E' preciso, dizia ele, advisinhar e presentir o inimigo para ter vantagens immediatas sobre ele, de contrario as balas das proprias armas poderiam voltar-se contra o proprio possuidor, quando nas mãos do atacante.

Filipe C. d'Ourique ouviu e, como era homem de recursos e ideias factas para ganhar alguns escudos, alvitrou immediatamente uma solução que, segundo ele, era genial e resolvia completamente o caso.

—Porque não compras tu um cão policia? Com um bicho desses estás absolutamente garantido. Ele vai á frente a farejar e, mal presente qualquer coisa suspeita, dá álferta e tu tens tempo para preparar todo o teu arsenal em defensiva guerreira.

—Uma optima ideia, em que nunca tinha pensado—exclamou o Borges.—Mas o pior é que eu não sei onde hei de arranjar um cão policia, desses tais muito bons que até fazem continencia e se põem nas patas de traz quando o Ferreira do Amoral passa; mesmo que ele vá á paisana e de cabelo cortado!

—Não te incomodes, eu sei quem tem o cão que tu precisas; um cachorro de mais fina raça policia.

—O pai é duma valentia enorme; é capaz de descobrir tudo e até de não descobrir nada quando assim seja preciso.

—Mas um cão de tão fina raça decerto é muito caro?

—Não te importes; eu conheço uma senhora estrangeira, Madame Lydia, que tem agora uma ninhada desses purissimos exemplares e, com um pouco de habilidade, talvez lhe consiga apanhar um... ah! por um conto de réis. Está claro que isto será um preço especial, pois o preço de venda é de dois contos e quinhentos, para qualquer paisana, tendo para militares, em homenagem á situação presente, o abatimento de 30 0/0.

—Está o negocio feito; traz-me o bicho que eu te darei a massa.

No dia seguinte, entrava solenemente na quinta das Amoreiras, dentro dum artistico cestinho de verga, um cachorrinho de mês e meo que mal abria os olhos, mas que dava todos os indicios de vir a ter o olho muito aberto. Era ele o celebre cão policia que Filipe tinha arranjado e que, desde então, se chamaria o Ajax, em homenagem ao mais celebre policia greco-romano da antiga esquadra da Mouraria.

Tempos passaram, não se sabendo porque razão o Filipe C. d'Ourique ia espaçando as suas visitas ao Borges, isto á medida que o cão ia tomando corpo. Deixou mesmo de visitar o seu velho amigo. Um dia, porém, um acaso imprevisivo pôs-os em contacto.

Borges, ao ver o Filipe, ficou um pouco embaraçado, ao ponto de este lhe dizer:

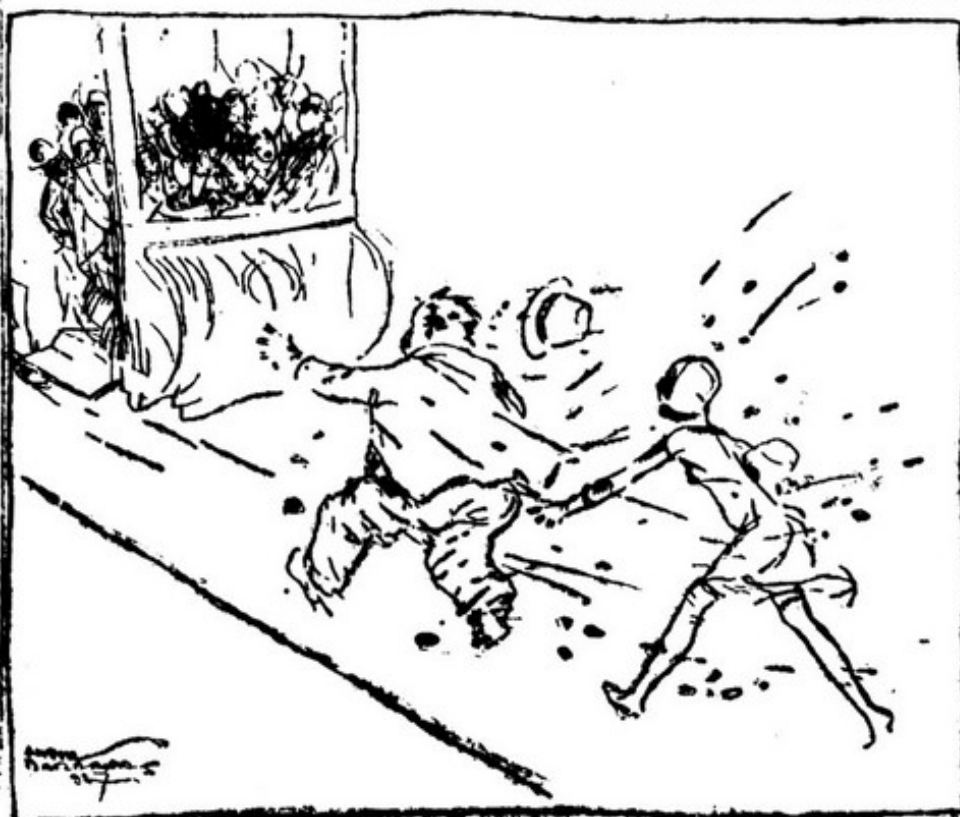
—Que tens? Desembrocha. Acaso estás zangado comigo por não ter ido visitar-te mais a miude?

—Não; é que eu estou um pouco confuso com o que se passa com o Ajax. Como sabes, os cães-policias tem o focinho do lobo, as orelhas arrebitadas, cauda pendente, pelagem castanha e mais detalhes caracteristicos que todos conhecem. Ora o Ajax tem as orelhas caídas, o focinho chato, rabo em caracol e pelo branco raso. Donde se conclue que tu me intujaste e me vendeste por um conto de réis um reles rafeiro como sendo um cão-policia!

—Como tu és ingrato, meu Borges, e como esse cão é inteligente, meu amigo! Lembra-te que eu te disse que ele era dama grande e astucia. Tu não vês, oh meu amigo e estúpido integral, que a sua inteligencia é tão grande que o levou a disfarçar-se e é por isso que ele não se parece nada com um cão-policia!

O Ajax—garanto-te sobre palavra d'honra—é um autentico cão-policia, mas... da policia secreta...

Antonio Lattis.



—Oh filho, para onde vais, a correr dessa maneira?
—E' que ali naquele carro perguntaram quem quer bilhetes para os Anjos e eu queria mandar um ao meu Anjo da Guarda...

Elevador da Gloria O «azar» da D. Elvira

O "SEMPRE FIXE" daqui a 50 anos

Do «Sempre Fixe» de quinta-feira, 26 de Janeiro de 1978

Lulú é um cão macio, felpudo, branco como uma asa de pomba. Habita num segundo andar do Conde de Redondo. Recebe visitas. Tem uma particular simpatia pelas que vem depois da meia noite... Já sabe que não é conveniente ladrar a essa hora. O porteiro trata-o com desdém. É o seu pior inimigo. Mas Lulú não tem medo. Sé sae á rua sem acaizme. Faz valer o dente, o dente incisivo nas calças do cerebéro.

A dona do Lulú é loira e miudinha como uma mascote. Um pouco atrevida e demasiadamente galante. Como tem um grande orçamento, divide os encargos por varios admiradores. Respeita-os a todos, contanto que o Lulú, depois dela, tenha os melhores acepipes da seirée.

Ha uma semana, Lulú, que vivia feliz e confortavel, chicara de leite ao almoço, banho quente ás duas, passeio e chá á tarde, foi atacado de uma neurastenia aguda e diuretica — a unica fórma de protesto que se permite a um animal da sua especie. Regou abundantemente as alcifas. Deponou um papagalho brasileiro que não sabia falar português. Meteu o dente nas pernas do porteiro e discursou de tal maneira, na escada, que as vizinhas responderam com um abaixo assinado ao senhorio, no qual se pedia a evacuação imediata do Lulú. O Lulú fez-lhes a vontade: evacuou em todos os patamares.

A dona, porém, ficou deveras aflita. Pensou levar o cãozinho a Paris. Era uma viagem de recreio. Chamou-o e expôs-lhe o plano. Mas Lulú, mais triste do que nunca, deixou escorregar a cauda e desmaiou o olhar — recusando a cidade da luz.

Recordações sentimentais prendiam-no ao Conde de Redondo. Tristes recordações. Jony abalara com o foxtierrier, de focinho negro. Impunha-se um gesto. Foi, então, que Lulú, depois de se ter despedido da dona, recomendando-lhe que segurasse o coração numa companhia inglesa, mandou abrir a porta á criada e saiu.

Uma vez na rua, o cão dirigiu-se á Baixa. Um carro electrico passava. Lulú fechou os olhos e atirou-se á linha...

O que se passou é demasiadamente tragico. A Sociedade Protectora dos Animais, na pessoa duma matrona altruista, teve um grito de alma. Um grito que salvou Lulú — condeando-o a viver.

Sinais dos tempos! Já ninguém pode fazer o que quer — até os cães!

A D. Elvira tinha vindo com a mãe e uma tia velha, de Alcantara para as Avenidas Novas.

Trespasada por 5.000\$00 a casa onde vivia ha 20 anos, uma carroça conduzira os trastes á Avenida Miguel Bombarda, para um 3.º andar com 9 divisões, casa de banho e electricidade.

Ao principio, a renda da casa sustentava-os — 600\$00 para quem estava habituada a pagar 90! — mas, após maduras cogitações e uma conferencia realizada na cosinha, com a assistencia da tia, ficara resolvido alugarem uma parte de casa para salvarem a renda da dita.

D. Elvira trabalhava em ponto ajour, para o que tinha grande vocação e muito gosto, sendo os seus trabalhos muito perfeitos e em conta.

«Com o auxilio do suor do seu corpo e da parte da casa alugada, a vida havia de se aguentar.»

Os hospedes vieram; mas D. Elvira tinha 39 anos, era morena, ou antes, trigueira; entregara-se ao celibato desprendida das tentações do sexo fraco e os seus nervos, permanentemente excitados, geravam zangas, desavenças e por isso os hospedes não paravam lá em casa.

D. Elvira, porém, não desistia e, assim, numa tarde ventosa de Outubro, batera-lhe á porta uma senhora de saia curta e cabelo cortado, a perguntar «se ora ali que havia uma parte de casa para alugar.»

«Que sim, que tivesse a bondade de entrar», e as casas foram vistas e alugadas, mediante o pagamento de 400 escudos mensais, «fóra agua e luz».

Ao principio, a vida decorreu serena, mas, como o céu não está sempre azul, os astros toldaram-se e a borratoca teve principio numa conversa da hospeda com uma visita e devidamente escutada nas frestas da porta pela D. Elvira, em que esta era apodada de «nova rica, solteirona incorrigivel e historica insupportavel».

Foi o bom e o bonito!

Depois da visita sair, D. Elvira, muito alvoroçada, quiz tirar satisfações á hospeda, indo bater-lhe com os nós dos dedos na porta do quarto e gritando com azedume:

—D. Clotilde, é D. Clotilde!

A outra, de génio picado das bezigas, atirou-lhe com a porta na cara e, desde então, a tragedia lanci-

nante dos nervos da D. Elvira começou, tornando a vida entre as duas insupportavel. E, com a tragedia uma aggressão continua, em que as saídas, as refeições, as vezes que a hospeda cortava o cabelo á Garçonne eram objecto duma critica mordaz e persistente.

Ultimamente, as coisas azedaram-se mais e, por uma exigencia de 80 centavos na conta da electricidade, que a hospeda não quiz pagar, D. Elvira cortou-lhe a luz e convidou-a, com modos aggressivos, a procurar casa.

A outra não quiz sair e, como uma desgraça nunca vem só, um belo dia, a campainha da porta da escada retiniu tragicamente e um agente da Policia Administrativa surgiu a perguntar á D. Elvira pelo seu livro de hospedes. Enfiada, pálida e trémula, D. Elvira respondeu que «não tinha hospedes, que as divisões da sua casa eram todas ocupadas por pessoas de familia».

Mas o diabo tece-as, pois que a hospede, passando na ocasião pelo corredor, ouviu a conversa e, assumando, num repelão, á porta da escada, informou o agente «que era mentira o que aquela senhora dizia, pois que ele era hospeda e bem hospeda, pagando quatrocentos escudos mensais, sem agua no autoclismo nem luz na casa de banho!»

Foi o fim do mundo!

D. Elvira queria atirar-se á hospeda; a hospeda mimoseou-a com uma complicada escala de epitetos, desde malcriada a fujia sem vergonha.

... ..

Obrigada a pagar uma pesada multa, D. Elvira, julgando-se pelos males da sua vida, pôs escritos e abandonou, para sempre, as Avenidas Novas — seu sonho dileto, agora transformado em pesadelo — voltando de novo para Alcantara.

Com os cinco contos do trespasse, que tinham estado a render juros na Caixa Geral de Depositos, montou uma capelista e vende agora carrinhos de linha, tabaco superior e botões de rapé. E, confeccionando camisas de riscado para homem, continua a trabalhar em ponto ajour, com grande perfeição e muito em conta.

L. P. R.

PONTE SOBRE O TEJO.—O parecer do Conselho Naval foi desfavoravel ao projecto da ponte sobre o Tejo ultimamente apresentado que, como é sabido, ligaria o Alto de Santa Catarina com Almada. As razões desse parecer são absolutamente secretas; entretanto, não erraremos muito em afirmarmos que o principal motivo da reprovação é o receio de que, em caso de cheia no rio, as fragatas da C. U. F. não caibam sob o taboleiro, que tem só 58 metros de altura...

VIADUTO DO CAMPO PEQUENO.—A C. P. abandonou definitivamente a ideia da substituição do aterro que obstrui a Avenida da Republica por um viaduto. Por esse motivo, a C. M. fará passar esta avenida por cima da linha ferrea.

FALTA DE LUZ.—Queixam-se os moradores da Praça Marquês de Pombal contra a falta de luz naquele local, que o torna bastante perigoso.

Além dos assaltos aos automoveis e peões, desenrolam-se por vezes, á sombra do tapume que cerca as obras do monumento, scenas pouco edificantes para a moral publica.

Pedimos providencias a quem do direito.

O CUSTO DA VIDA.—Baixaram sensivelmente os preços de alguns géneros de absoluta necessidade. A carne de vaca está a 180\$00 o quilo, o carneiro a 120\$00, o porco a 270\$00.

.....



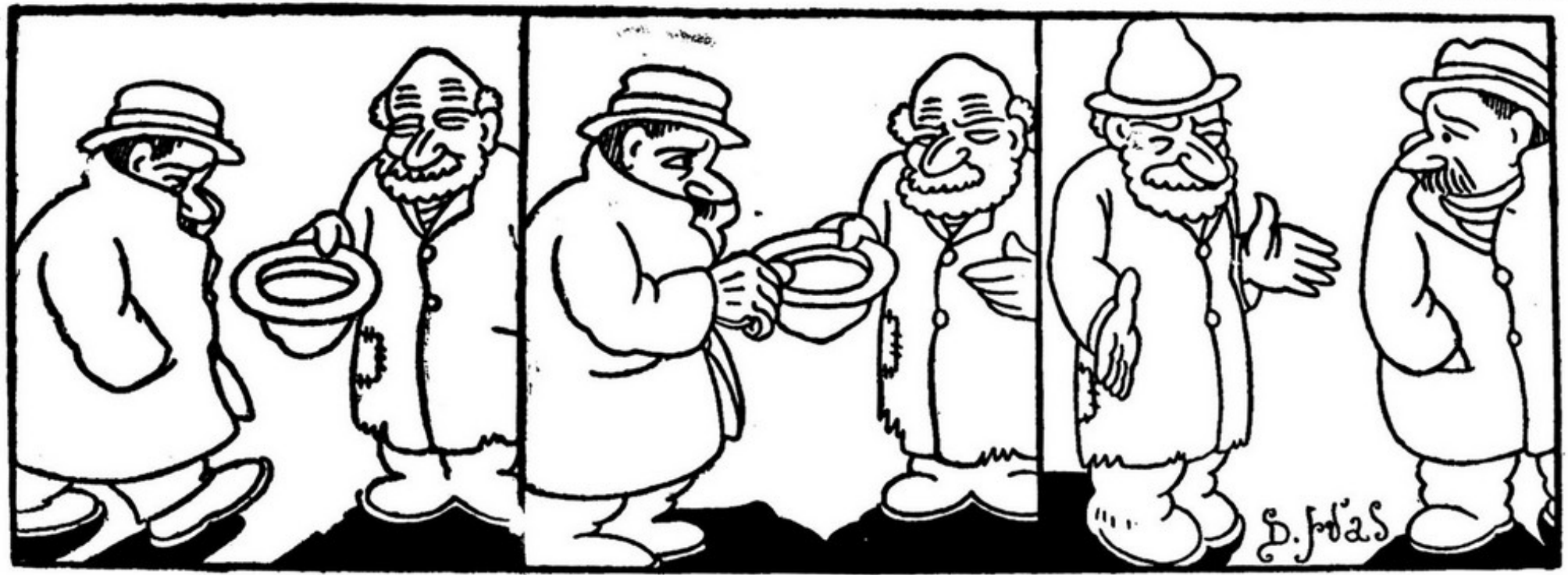
—Porque escangalhaste a tua bo-neca?

—Mas eu não a rompi. Apenas lhe tirei os dentes para os meter em agua, como o avô faz todas as noites.



!! Não queira ficar assim !!
USE A **VITELINA-VITERI**
TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 8000
Deposito—VICENTE RIBBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa

Sortes grandiosas
na **PIÑA** de 1928
75 — Rua de S. Paulo — 77



— Dê uma esmolinha a este pobre velho que não pode trabalhar.

— Pegue lá cinco tostões; agora vá gastá-los em vinho.

— Julga V. Ex.ª que, com cinco tostões posso comprar champagne?

A NOVELA DO "FIXE"

O Joaquim mercieiro

O Cosme mercieiro que, durante muitos anos, nunca tinha arredado as botas da rodapé do balcão, sentindo que essa escravidão lhe era já pouco suportável, começou a pensar no repouso de algum tempo lá na terra. A casa era bem afreguezada. Passá-la de que lhe serviria? De nada.

Tinha o seu pé de meia, umas casitas lá na terra á custa de vender papel de embrulho pelo preço do chá quando a retalho, mas ainda não era o suficiente para deixar os pesos e os meios litros solidos e liquidos.

Pôr um empregado á testa da casa tambem seria difficil, em face da pouca confiança que, intimamente, lhe inspiravam os mais honestos caixeiros.

O problema estava difficil porque a ideia de se ausentar uns tempos para a terra não lhe largava o cerebro.

Começou a constar entre a sopeirada da vizinhança e entre os seus fregueses o proposito em que estava e d'ahi já se dizia á boca cheia:— «Que pena se ele se vai embora! Não ha nas mercearias proximas tão bom café como o dele. Aquilo tem o segredo!»...

Um dia, em conversa com um colega, este fez o elogio de um rapaz, seu empregado, e que era mestre na razoiira dos cereais, visto que a passava com tanta arte sobre a medida de madeira que nunca o patrão era prejudicado.

—Esses empregados era o Joaquim! O grande Joaquim!

—Um assim é que eu queria apanhar lá para a loja—dizia o bom do homem.

—E porque não? Consta-me até que ele tem vontade de se estabelecer—dizia-lhe o colega.

—Sério?! Mas não; isso é impossivel, por enquanto.

Assim dialogavam os colegas, até que um teve uma ideia.

—E se o Joaquim te quizesse tomar a casa, temporariamente, pelo balanço, dando-te sessenta por cento dos lucros? Eu seria o fiador, serve-te? Assim não ha que desconfiar... Se quizeres, empresto-te o Joaquim.

—Homem, lembra bem!

—Ele dirigirá tudo, as compras e as vendas. Receberá quarenta por cento, mandar-te-ha os sessenta e tu estarás na terra como Deus com os anjos, sem te ralares e com aquela massinha a correr. No dia em que voltares, tomarás outra vez conta da casa, faze-lhe um presente e ele tratará da sua vida. Que dizes?

—Digo que aceito, demais sendo tu o fiador. Agora resta que ele esteja pelos ajustes.

.....

Passaram-se tempos

—O' sr. Joaquim. Olhe que o café não parece o mesmo.

—Ora essa! E' metade café e me-

tade chicoria—dizia, captivante e sorridente, o substituto mercieiro.

—Olhe lá: o azeite ainda é do mesmo? Ai que gosto que ele tem!

—O' menina, isso é do seu paladar...

—Então você está a vender os ovos a 8\$50 quando na Baixa os vendem a 6\$70?!

—São saloios! Estes são garantidos!—continuava o homem, que não mentia.

«Saloios eram os fregueses...

Mas o caso é que o dinheirismo lá ia todos os meses para Tondela... Os interesses tinham aumentado! O dono da casa estava radiante no seu remanso da provincia, visto que estava usufruindo mais proventos do que até então não tivera e sem trabalhar.

Ora, uma vez, o grão começou a subir, o feijão a subir, a manteiga a mudar para mais inferior, sem diminuir o preço, o bacalhau de 2.ª pelo preço do de 1.ª; as bolachas, por cada 250 gramas, levava 60 gramas de papel do grosso e, por consequencia, a sopeirada do sitio começou, acoçadas pelas patrões, a desaparecer gradualmente.

No entanto, os sessenta por cento continuavam, mas mais reduzidos, e assim sucessivamente até que em Tondela começou o nosso homem a ver diminuir os interesses.

—O que haverá por lá—dizia o nosso homem e, um belo dia, resolveu meter-se no comboio e, mal chegou á loja, de manhã, já não viu aquelle formigueiro de sopeiras de cambalhada.

—Mas o que é isto? Que fizeram vocês á freguesia?

E, desconfiado, foi pedir contas ao concessionario.

Uma vez feitas as pesquisas, viu que o rapaz era bom detentor dos seus capitais, vendendo a existencia melhor, depositando o capital que havia á mais em nome do proprietario da casa e abastecendo-se de arti-

gos mais baratos e que vendia pelo preço dos mais caros.

—Mas o que está você a fazer, homem?

—Eu?! Ora essa, estou a administrar. Eles pagam tudo pelo melhor, o seu capital em fazendas está garantido e o dinheiro tem entrado...

—Pois sim, mas os fregueses é que toem saído.

.....

—Adeus, menina Joaquina, então como passou?

—Eu passei bem e o senhor?

—Então já não gasta de cá?

—Deus me livre. A patrão punha-me na rua.

E assim sucessivamente. Resolutamente, o bom do mercieiro foi tomar satisfações ao concessionario.

—Meu caro Joaquim, aqui ha galto! Temos que fazer um balanço.

—Para quê?—diz-lhe o rapaz. Se a existencia aumentou! Olhe para o sortimento: veja como a loja está bonita. E mais ainda, o capital diminuiu; tenho ali o existente no cofre.

—Não. Aqui ha um misterio com certeza.

E, uma vez tomadas as contas, o bom do mercieiro retomou a gerencia da sua casa e o concessionario voltou para a mercearia do amigo, muito a contento do patrão que o cedera, visto que não faltara um só centavo. O Joaquim era um empregado honesto—apregoava-se aos quatro ventos.

.....

No entanto, a freguesia recosa voltou, ao ver na loja o seu primitivo dono, mas tornou a abandoná-la dentro em pouco. O homensinho não ganhava para o petroleo... A casa arruinava-se!

Ele começou a descobrir a causa, não podia deixar de vender os artigos caros, assim o exigia a necessidade de apurar capitais.

O presente, que estava cinzento,

não tardou a escurecer, até que ele disse de si para si:

—Nada! O melhor é passar a casa; de contrario é a falencia do meu pé de meia e eu não posso já reconstruí-lo.

O trespasse foi anunciado e, portanto, constou ao colega, que o transmitiu ao empregado.

—Olha, Joaquim, a casa do Cosme trespassa-se. Agora é que é uma boa ocasião para tomares conta dela. Vê se arranjas capital.

—Só se o patrão sorvir de fiador. Como sabe, sou de boas contas... e sei da cartea.

—Não ponho duvida, mas deixa lá ver quanto lhe dão por ela, para se cobrir o lance.

Em face do descrédito, ofereceram-lhe uma ridicularia, que foi coberta por mais uns escudos, pelo seu amigo e conselheiro, para o seu caixeiro Joaquim.

No dia seguinte ao negocio, lia-se este letreiro na porta da loja:

A'manhã — Leilão dos géneros existentes de 2.ª para meter artigos de 1.ª qualidade pelo novo proprietario

O ruido ouviu-se na vizinhança e, depois das limpezas na armação, a mercearia abriu, renovada, muito embora a freguesia, no primeiro dia, entrasse desconfiada.

.....

—O' Maria! Vai á mentoiga, ao Cosme.

—O' Joaquina! Traz-me bacalhau do Cosme.

—Olha, o grão que seja da mercearia do Cosme, que é de boa casedura.

Numa palavra, a loja do Cosme reviveu. O Cosme foi para a terra e o patrão do Joaquim, lá na sua loja, orgulhava-se de ter dado á luz um tão bom discipulo.

—Mas que inteligencia de rapaz! Que calculo! Como ele conseguiu apanhar a loja ao Cosme! Aquello fas fortuna. E olhem que, quando foi para lá, na semana passada, já levava o dinheirinho necessario para o negocio. Aquelle Joaquim dava um belo ministro das finanças! Que calculista!

Assim falava o patrão do Joaquim que, sem querer, tinha entalado o Cosme com a ideia da administração provisoria.

—E sempre foi um belo empregado!—repetia ele aos seus fregueses. Nesse dia, o antigo patrão foi multado por vender manteiga falsificada e por ter azeite á venda com a acidez bastante para limpar metais...

Tinha sido a ultima compra que o Joaquim tinha feito para a loja do seu ex-patrão...

.....

Esperançosa mocidade



— Assim é que é. Vinha-me falar em namoro, mas assim que lhe falei em pôr uma casa em meu nome, deitou a fugir. São todos os mesmos.



—Porque não quer o senhor vender-me uma entrada?
—Francamente. Porque o senhor vem um pouco bebido.
—Ora essa. Então o senhor julga que se eu não estivesse bebido, caía em cá vir?



—Você gosta de boa musica?
—Sim, mas não importa. Você pode tocar.



O que se diz e o que se não deve dizer...

O horrível crime do Estoril

O acontecimento da semana desportiva foi o desafio das Amoreiras, em que os bichinhos de seda comeram metade da juba aos leões.

Se os Belenenses tiverem dentes para mastigar a metade que ficou — e se não engasgarem com os pêlos... — o final do campeonato deve ser uma autentica charada a premio...

O outro resultado notavel de domingo foi a vitoria do União Faz a Força. O chocolate de Alcantara está sofrendo uma baixa terrivel na bolsa dos valores foot-bolísticos. Falta de leite... e de bilhetes de Tesouro...

Que é o mesmo que dizer:—falta de leite, assucar e bolos...

A possivel ida dum scratch português ao Brasil começa a dar assunto muito proprio para as revistas do ano.

Pululam as opiniões pró e contra. Mas, até hoje, de mais sensacional, ha o artigo publicado em Os Sports de sexta feira ultima — e em que o Candido de Oliveira apanha poucae...

Houve quem estranhasse a tarefa num colaborador do jornal, seu antigo director e acionista in partibus.

Mas o artigo era muito mais interessante do que isso.

Nêle se acusava o Candido de ter abusado (?) da sua qualidade de seleccionador para, no Estoril, seduzir (?) os jogadores internacionais com viagens, fatos e indenizações.

Estão Vossas Excelencias a vêr o infando e abominavel crime.

Estão Vossas Excelencias a vêr perfeitamente o Candido, sedutor tenbroso, no meio daqueles pobres e indefesas crianças que nunca viajam, que nunca receberam fatos, que nunca viram notas nem apalparam um manqué à gagner — que não sabem sequer o que são bilhetes de Tesouro...

Isto é de fazer levantar, de indignação, as pedrinhas todas das calçadas.

Nem ha castigo que chegue!

A opinião publica, indignada, re-

clama unanimemente á Federação um immediato exame medico ás vitimas.

Dizem-nos, embora não possamos garantir a autenticidade, que alguém encontrou o Candido e com ele travou o dialogo que segue:

—Que dizes tu ao artigo de Os Sports?

—Que estou contentissimo!

—???

—Porque aquilo deve representar a indicação de que a empresa do jornal já se resolveu a pagar-me os contos de réis em divida da minha cota — e que já tem cabelos brancos...

—???

—A não ser que isto seja um pro-

cesso curioso de liquidar a conta, em troca de concessões... Um pagamento — em silencio...

Minutos antes de começar o desafio Portugal-Espanha, o antigo reporter fotografico Benoliel aconselhava um jornalista da especialidade sobre a maneira de fazer a critica do jogo...

—«Vocês devem falar bastante nos jogadores espanhóis. Não se refiram apenas aos portugueses...»

A decifração da charada veio no A. B. C. de Madrid, de que Benoliel é correspondente.

A reportagem e critica insertas no diario madrileno de segunda feira, 9, eram integralmente—com ligeirissimos

cortes telegraficos a critica e reportagem da edição especial do Diario de Lisboa.

A fidelidade da reprodução abrangem até algumas gralhas da origem. Parabens ao novo critico!

Ainda sobre o Portugal-Espanha, deve citar-se um interessante artigo do Diario de Lisboa, em que o resultado do match era apresentado como uma vitoria do seleccionador.

Chama-se a isto:— rigor historico na investigação das causas...

E' claro que, remontando um pouco mais, o pai e a mãe do seleccionador tiveram tambem no facto um papel preponderante.

Por sua vez, os ascendentes dos jogadores influiram ainda—embora um pouco menos — no resultado obtido.

E, fundamentalmente, os verdadeiros autores do empate foram, no Paraizo, Eva e o seu companheiro.

Em resumo:— um autentico empate: á pai Adão!

O segundo destes ecos foi escrito sobre a possivel ida dum scratch português ao Brasil — e suas actuais e interessantissimas consequencias neste celestial meio desportivo.

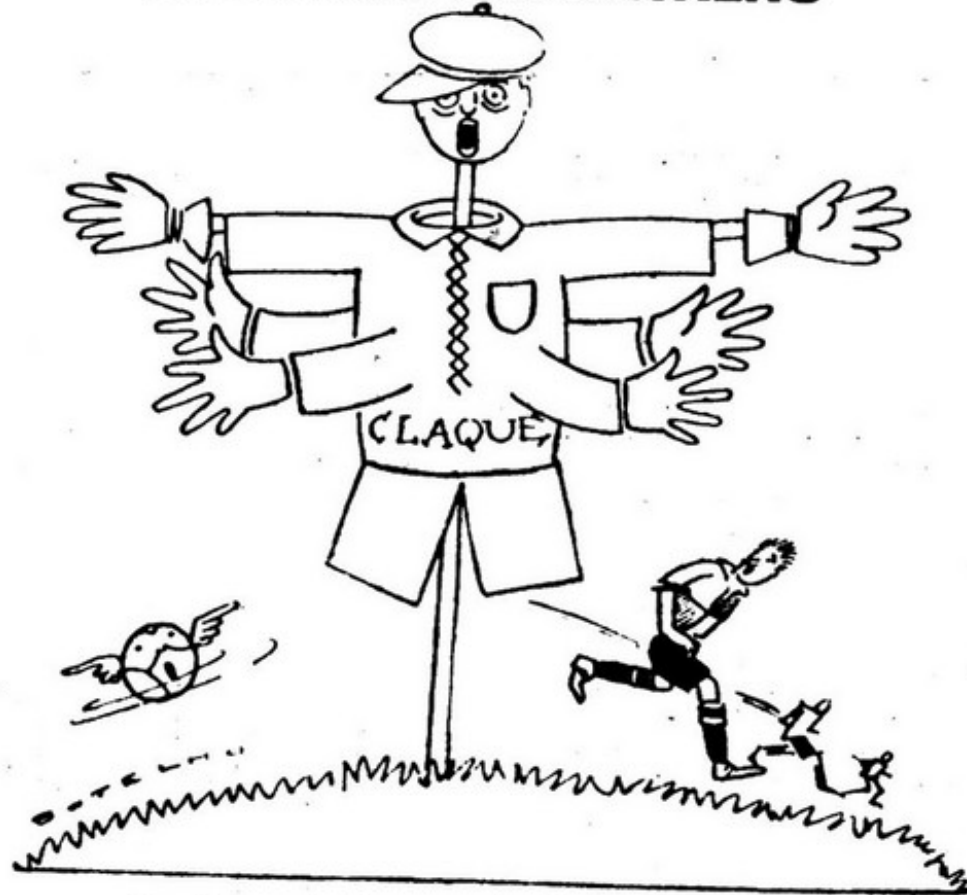
Enquanto escrevemos os restantes — questão de meia hora... — aumentou de tal modo a intensidade dos protestos que até numa reunião da Associação se misturou o foot-ball com uma muito pouco original fantasia sobre negocios de caminhos de ferro.

Resolvemos voltar ao assunto para aconselhar mais calma, mais moderação — e menos tolices.

Ah, Candido! Se eu estivesse no teu lugar de seleccionador—que bem que eu lhes fazia a barba sem sabão...

Rebola-A-Bola.

O ETERNO ESPANTALHO



Ganhou a «claque» do Bemfica por 1 a 0

Humorismo no estrangeiro



—Ano Novo, vida nova, hein?
—Dizem isso, mas não ha quem o faça bom.



—Mas, sendo tu tão valente, porque não te metes a fazer a travessia do Atlantico em avião.



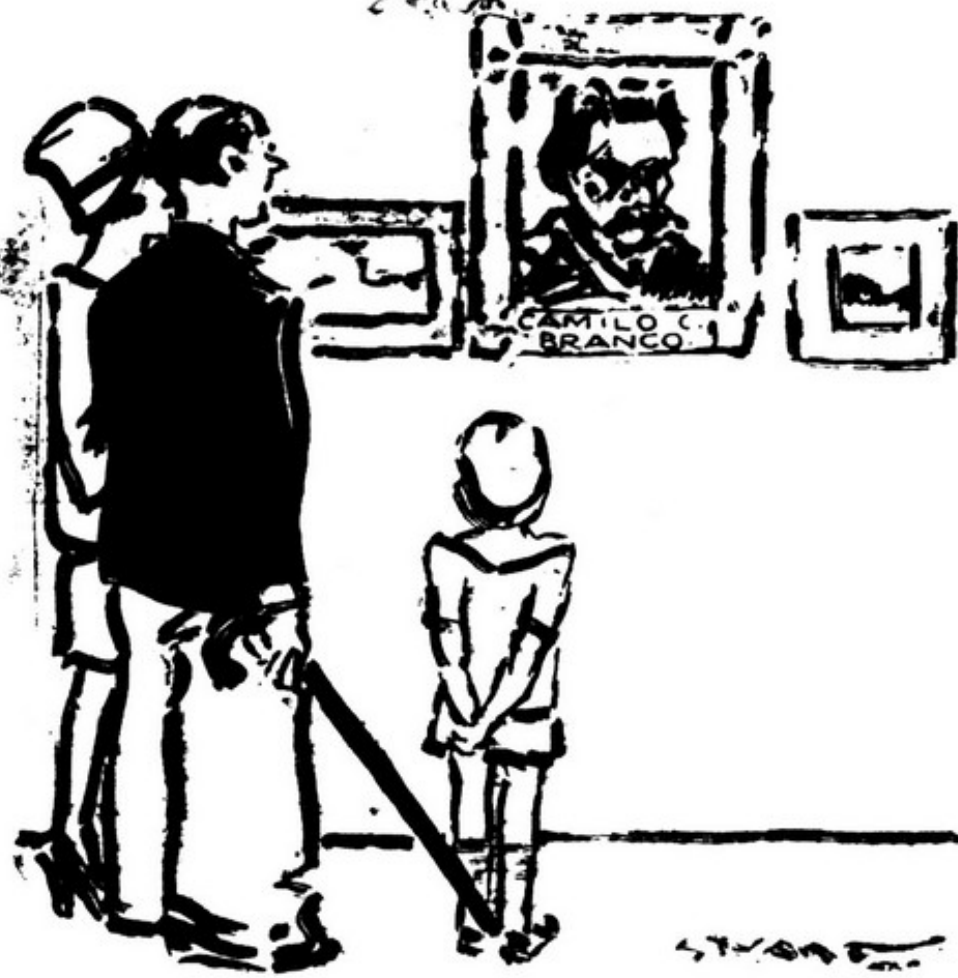
—Onde encontrou você a cosileta?
—Ora, debaixo de uma batata...



—Anda com o carro pelo passeio?
—Que quer? Ele é tão pequenino que tenho medo que o atropelam...



—Você não frequenta o cinema?
 —Não. Faz muito mal á vista.
 —Pois comigo acontece o contrario... Desde que o frequento
 audo mais aliviado dela.



—Mas quem será esse tal Camilo?
 —Não sei.
 —Nem eu sei como põem em exposição um homem assim tão feio.



Januario, que é policia, desconfia-
 va ha muito da fidelidade de sua
 mulher...



... e um dia foi surpreendê-la em
 amoroso colloquio com um sou cole-
 ga.



Não se poude conter. Desembai-
 nhou a espada e, quando ia vin-
 gar-se...



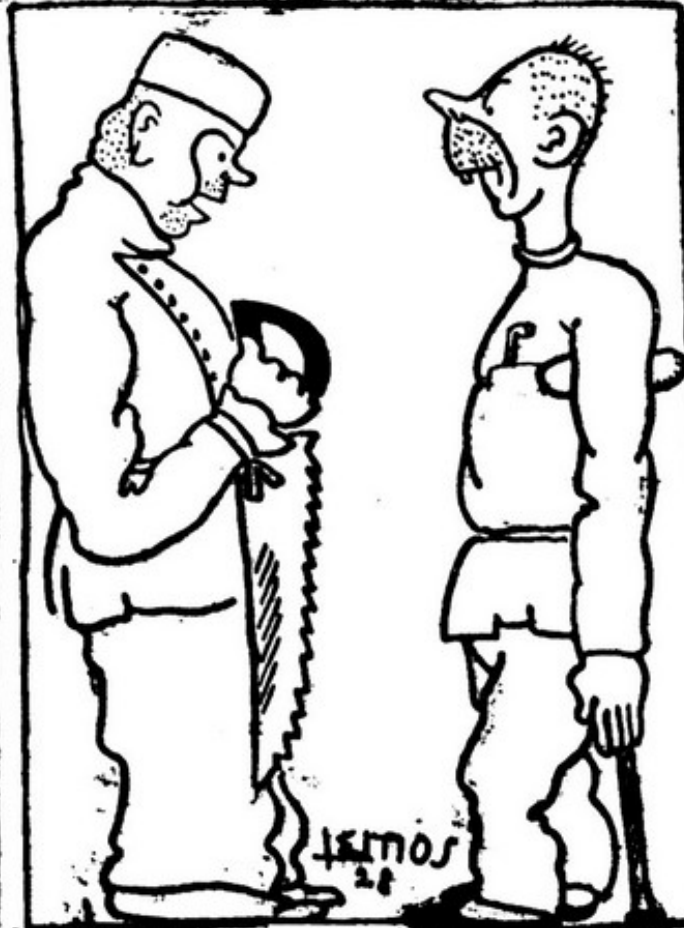
Diz-lhe a mulher:
 —O' desgraçado, olha que vais ma-
 tar o pai de teus filhos!...



—Mas, doutor, quanto me leva
 por coriar a perna?
 —Isso é barato... Levo 6 contos



—Mas eu não tenho essa impor-
 tancia...
 —Então quanto tem?



—Tenho só 3 contos.
 —Sem. Nesse caso corto-lhe só
 metade da perna.